



O RISO NA TEORIA SOCIAL E NA HISTÓRIA*

Eliézer Cardoso de Oliveira**

É um prazer estar aqui, neste ritual de colação de grau. Hoje é um dia de alegria para os estudantes, para seus familiares e para seus amigos; é um dia de alegria para os professores e demais funcionários da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas que acompanharam esses alunos durante os últimos quatro anos. Por isso quero falar de algo alegre. O tema da minha pode ser definido pela seguinte expressão: “o riso na teoria social e na história”.

O riso é uma faculdade biológica permeada de significados sociais. Rir é a marca distintiva da sociabilidade humana. Rir é a comprovação empírica da presença da hermenêutica no nosso cotidiano. A risada humana não é apenas o ato de mostrar os dentes, mas, sim, um ato que requer o conhecimento dos códigos culturais. Alguns antropólogos acreditam que o riso foi uma das primeiras formas de comunicação humana: nos tempos longínquos e brutais da pré-história, o riso significava algo do tipo: “pode vir, não quero te matar!” Um sorriso pode significar um ato de boa vontade para com o outro, mas pode significar também deboche e humilhação. O riso pode questionar o *status quo*, mas também pode reafirmá-lo.

Essas funções polivalentes explicam as várias teorias sobre o riso. Thomas Hobbes, por exemplo, o definiu como um ato de prepotência. Aqueles que se acham superiores riem dos inferiores. Daí o porquê de ainda rirmos das comédias pastelão em que as pessoas levam uma torta na cara – o nosso riso – nada ingênuo – demonstraria a nossa superioridade e o alívio de escarpardesse pequeno infortúnio cotidiano. Hobbes ficou famoso com a sua teoria de que “O homem é o lobo do homem”;mas talvez o mais

* Discurso proferido na colação de grau dos formandos em História da UNUCSEH-Anápolis, em 21 de fevereiro de 2012.

**Professor do curso de História da UEG-Anápolis. Patrono dos formandos.



coerenteseria dizer que o “homem é a hiena do homem”, já que o riso é um potente arsenal psicológico de humilhação do outro.

Quase na mesma linha de Hobbes, o filósofo francês Henri Bergson considera que o riso exerce uma importante função social: inibir comportamentos indesejáveis ao padrão dominante. Desse modo, o riso seria uma defesa da sociedade contra os excêntricos queousam questionar as normas vigentes. Por isso, as vítimas das piadas são os homossexuais, os judeus, os estrangeiros, etc. Aqueles que podem colocar a coesão do grupo em perigo tornar-se-iam vítimas do humor. O difícil seria Bergson convencer-nos de que as inocentes loiras seriam capazes de colocar em perigo a ordem social, mas isso é outra história – ou melhor, uma outra piada...

Nem todos consideram o riso como algo socialmente negativo. Freud, por exemplo, considerava o riso como uma meio de obtenção de prazer e superação da dor. O riso seria uma manifestação do inconsciente e serviria paraquestionar as convenções sociais, fornecendo um alívio provisório diante das restrições impostas à sexualidade. Por isso, muitas pessoas que escapam de tragédias, ao mesmo tempo, choram e riem. O riso ajuda aliviar a tensão a que estamos submetidos o tempo todo em consequência de termos de controlar os nossos instintos sexuais. Talvez por isso, quando vemos uma pessoa mal-humorada ou com a cara amarrada, de imediato, damos o diagnóstico: é falta de sexo!O grande mérito de Freud foi mostrar que o riso triunfa sobre a repressão!

Um aspecto importante no estudo sociológico do riso é o seu uso como distinção social de prestígio de classe. Para a nobreza medieval, um nobre deveria sorrir e não gargalhar. Gargalhar é um termo que lembra barulho da água gargarejando na garganta, portanto é um comportamento mais instintivo, mais ligado às características animais. Por outro lado, o sorriso seria o riso controlado, representando a vitória da civilização sobre os instintos. Nesse sentido, as classes superiores sorriem, mas não gargalham. A gargalhada foi deixada às classes inferiores ou às crianças, incapazes de controlar os seus instintos. Temos, então, o discreto “sorriso de Mona Lisa”, mas não a “Gargalhada de Mona Lisa”.



Um dos personagens históricos mais fascinantes relacionados ao riso foi o bobo da corte! A sua função era entreter o rei e a rainha, fazê-los suportar o tédio do poder absolutista, por meio do humor. Além disso, o bobo tinha uma função nada inocente: cabia a ele dizer ao Rei as verdades inconvenientes que ninguém tinha coragem dizer. Cercado por bajuladores, o Rei aproveitava da sinceridade brincalhona dos seus bobos para conhecer a realidade de seu reino e o caráter da nobreza que estava ao seu redor. Um detalhe curioso: quando os monarcas absolutistas expulsaram os bobos de suas cortes, eles abriram caminho para a dissolução do regime. É que sem a sinceridade dos bobos, os monarcas foram incapazes de retardar as revoluções burguesas que se avolumavam no horizonte e perderam o trono e, algumas vezes, a cabeça.

O riso pode servir como um antídoto aos excessos de poder. Mas o poder pode valer-se do riso para mostrar o seu triunfo sobre os mais fracos. As bruxas dos contos de fadas soltam agudas gargalhadas para comemorar a vitória da maldade. Consta-se no livro *A vida dos doze césaes*, de Suetônio, que Calígula, um dos mais tenebrosos dos césaes romanos, um dia, na frente de seus cortesãos, começou a gargalhar sem motivo algum. Um dos presentes, intrigado com aquela inexplicável alegria, perguntou: “César, conte-nos sobre o motivo de seu riso para rirmos também”. Calígula respondeu: “estou rindo porque percebi que eu posso mandar matar todos vocês!”. O excesso de poder e o fato de não existir bobos da corte no Império Romano fez com que Calígula risse de pura maldade. Como diz a música *Amor para recomeçar*: “rir é bom, mas rir de tudo é desespero”.

Mas vamos deixar esse lado sombrio do riso com as bruxas e os com os calígulas. Vamos pensar o riso como algo positivo. Vamos pensá-lo, como o Mikhael Bakhtin que no livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, definiu o riso como instrumento das classes populares para desnudar as manifestações ideológicas dos poderosos. Vamos pensar o riso como Nietzsche, que numa frase magnífica, afirmou: “E falsa seja para nós toda a verdade que não tenha sido acompanhada por uma gargalhada!”.



Essas considerações sobre o riso foram um pretexto para mostrar o que para mim é uma das principais características desta turma de formandos – o bom humor que se manifestava em sonoras gargalhadas por parte de uns ou discretos sorrisos por parte dos outros. Nesses muitos anos de UEG, nunca me deparei com uma turma tão alegre e risonha.

Machado de Assis escreveu uma vez: “Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho, há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!” Esse é o caso dessa turma de formandos que optou por sorrir diante dos espinhos da vida.

A formação de historiador é desgastante para a personalidade, porque flerta perigosamente com o relativismo moral e com o ceticismo filosófico. Os historiadores aprenderam que as coisas não são o que aparentam ser, que há um descompasso entre as palavras e as ações e entre os discursos e as práticas. Os historiadores sabem, mais do que ninguém, que a promessa do novo, feita pelos políticos, não passa de uma estratégia para esconder o velho. Os historiadores sabem que os planos de progresso e desenvolvimento têm um alto preço que é cobrado dos mais humildes da sociedade. Os historiadores sabem que o trem da história não tem um destino fixo e certo: ele vagueia aleatoriamente pelo futuro indefinido. E pior: os historiadores aprenderam com Nietzsche que o “piloto sumiu” – essa é a grande piada da modernidade: descobrimos que o trem da história não tem destino, nem piloto.

Isso tudo era motivo para o choro e desespero. Mas não foi o que esses formandos fizeram. Eles preferiram rir, preferiram transformar a sala de aula numa arena de debates e de gargalhadas. Às vezes brincaram demais e estudaram de menos, mas isso é perdoável diante do prazer de conviver com uma turma tão bem humorada. O riso foi a arma que esses formandos utilizaram para vencer o conflito e a divisão que enfrentaram no início do curso. O riso foi a estratégia de sociabilidade para a convivência das singulares personalidades que formaram a turma. O riso foi a resposta à falta de sentido e à injustiça da história. Esses alunos não apenas estudaram história, mas brincaram com a história.



O exemplo maior dessa irreverência bem-humorada são as fotos que escolheram para compor o Convite de Formatura, nas quais aparecem fantasiados com indumentária romana. Eles simplesmente escolheram o povo mais valente e imperialista da Antiguidade para brincar. Bem ao estilo pós-moderno, transformaram os poderosos romanos num ridículo pastiche. Talvez eles quisessem dizer que os césares e suas lindas esposas não passassem de garotos e garotas que cresceram e não souberam mais rir. Ou talvez, essa fantasia seja apenas mais uma peraltice desses jovens – a última como alunos do curso de história da UEG.

Quis o destino ou o acaso que essa turma fosse a premiada por um fato que mais causou alegria entre os professores do curso de história desta unidade – a aprovação do Mestrado Interdisciplinar em Território e Expressões Culturais no Cerrado. Há tempos, esse curso estava servindo como uma espécie de chocadeira para preparar nossos alunos para importantes mestrados do país. Ainda vamos continuar a prepará-los, mas a partir de agora, se quiserem, podem continuar os seus estudos de pós-graduação aqui nesta mesa instituição.

Deixo-lhes, para finalizar, duas mensagens de dois importantes intelectuais latino-americanos: a primeira é a do poeta chileno Pablo Neruda, que diz:

Nega-me o pão, o ar, a luz, a primavera, mas nunca o teu riso, porque
então eu morreria.

O segundo é do “filósofo” mexicano Ramon Valdez, mais conhecido como seu madrugado:

"Posso não ter um centavo no bolso, mas tenho um sorriso no rosto e
isso vale mais que todo dinheiro do mundo."

Obrigado a todos pela atenção!